



Cenário sociorreligioso e cultural brasileiro na atualidade

Professora Dra. Cleusa Maria Andreatta

Unisinos São Leopoldo/RS – Instituto Humanitas

Considerando o tema e os objetivos do Fórum de Missão, inicio meu texto com alguns destaques. É grande o desafio de pensar, projetar, investir numa ressignificação e atualização da caminhada das comunidades de fé, tendo em vista a vitalidade comunitária. É desafiador pensar a ação comunitária de nossa fé em meio à realidade do mundo de hoje, que cada vez mais caminha sob o signo do individualismo, do isolamento, da autorreferência, fazendo também o contraponto com o tema da relevância do Evangelho nos diferentes contextos em que a Igreja se faz presente. Nesse sentido, agradeço a provocação que o fórum me faz, de pensar e levantar alguns pontos de reflexão referente à realidade sociocultural e religiosa, tão plural e complexa do nosso tempo.

Entre as muitas possibilidades, considero importante trazer um dos temas chave que tem acompanhado a realização de eventos, simpósios e ciclos de estudo no Instituto Humanitas Unisinos: o esforço em repensar os desafios e possibilidades do cristianismo neste nosso tempo, que nos coloca em uma transição epocal marcada por mudanças tão profundas que levam as pessoas analistas desta realidade a classificá-la não como uma época com mudanças – mas uma mudança de época marcada por rupturas e descontinuidades.

Nessa perspectiva, temos utilizado o trabalho de vários pesquisadores e pesquisadoras a respeito dos impactos dessas transformações sobre o cristianismo e sobre as religiões – e também sobre o caminhar de nossas Igrejas, com sua missão, sua forma de se organizar e de assumir a tarefa de anunciar o Evangelho neste tempo. Temos uma grande produção de trabalhos que nos ajuda a compreender que as grandes transformações em andamento no mundo afetam de uma forma radical todas as esferas da vida pública, e também produzem impactos e transformações profundas sobre as tradições religiosas em geral e sobre o cristianismo em particular. Ao ritmo dessas mudanças, estão se configurando as condições, as possibilidades, as perspectivas da existência das tradições religiosas e de nossas Igrejas. As possibilidades vão se reconfigurando sempre de novo ao ritmo dessas mudanças, e estamos diante de desafios sem precedentes.

Isso afeta nossas Igrejas em aspectos internos – a forma das pessoas-membro viverem o cotidiano de sua fé, de participarem mais intensamente ou menos intensamente – enfim, afeta os desdobramentos de nossa existência eclesial e também sua relevância pública.

Na Europa, a percepção é de que a fé cristã vai se despedindo da esfera pública. Ou, pelo menos, parece estar se despedindo como dimensão constante e relevante na vida de fé, na vida religiosa das pessoas. Ao mesmo tempo, devemos ter cautela nessas afirmações, porque pode ser que a fé não esteja desaparecendo, mas, sim, se reconfigurando e adquirindo outras formas. Ou, então, ambas as coisas: em determinados segmentos, vai desaparecendo, em outros, se reconfigurando. Num mundo globalizado, de tantas aproximações e interconexões, vale a pena olhar para a Europa e perceber como isso se reflete aqui. Por outro lado, há a constatação de que a fé continua muito viva, especialmente no sul global, na América Latina, na Ásia, na África.

Trago alguns apontamentos em termos de impactos dessas transformações socioculturais para o cristianismo. Muitas pessoas debatedoras e estudiosas dessa realidade acentuam que as estatísticas internacionais apontam para uma crise do cristianismo, que se materializa em situações de abandono da religião, esvaziamento de Igrejas, redução e/ou ausência das juventudes, apatia religiosa – sendo que a participação em comunidades religiosas não se traduz em engajamento com a força transformadora de uma vida de fé; enfim, expressões de desinteresse religioso.

De modo geral, é possível constatar que no bojo das transformações socioculturais estão incluídas mudanças nas expectativas e nas concepções de mulheres e homens do mundo de hoje quanto à relação de fé e religião, quanto ao que implica em termos de dificuldades de sustentar uma relação de pertença por parte de pessoas batizadas em sua respectiva Igreja. Também se fala em uma crise de transmissão. Cada vez mais se constata que a transmissão da fé já não se dá mais em perspectiva vertical, de uma geração para outra, mas ocorre uma horizontalização da transmissão. Isso tem consequência bem importantes para as crianças, adolescentes e especialmente juventudes. Há dificuldade de transmissão de instituições, convicções e valores religiosos de uma geração a outra. Trata-se de uma crise que aponta para o distanciamento e para fraturas reais entre uma configuração histórica e cultural do cristianismo e a pós-modernidade. Este é o tempo em que vivemos. Nessa situação, são moldadas nossa visão de mundo e a autocompreensão de nossos contemporâneos, bem como a comunicação entre os universos culturais de diferentes gerações – de como uma geração se conecta com a outra, em diálogo e compreensão mútua. Isso vai comprometendo a capacidade de comunicação, vai comprometendo as referências coletivas da vida em comum, os fundamentos dos vínculos sociais, tendo evidentemente consequências para a dimensão religiosa e eclesial.

Por outro lado, nos debates e estudos, avalia-se que o cristianismo é afetado em suas referências e sentido pelos conhecimentos adquiridos pelas ciências em geral, especialmente pela cosmologia, astronomia, astrofísica, ciências biológicas, à medida que essas impulsionam uma nova visão cosmológica e incidem nas concepções antropológicas contemporâneas, promovendo uma imagem de mundo e do ser humano diferente do contexto de nascimento do cristianismo, diferente também do contexto de desenvolvimento de todo seu patrimônio simbólico, doutrinal, espiritual. Essas mudanças incidem sobre as narrativas e discursos religiosos, teológicos, que nutrem a autocompreensão cristã e que, em grande medida, continuam vigentes em nossas

Igrejas. Essa situação tem implicações para a recepção e a credibilidade do anúncio cristão nos diferentes contextos socioculturais do mundo de hoje.

Assim, cada vez mais o cristianismo se vê confrontado com a tarefa de repensar as coordenadas religiosas de referência desde as quais se sustenta, as categorias centrais da transmissão da fé cristã. No cenário eclesial, penso em especial na linguagem litúrgica, nas prédicas, nossas produções de materiais, na divulgação da fé, entre outros. Há necessidade de aprender a falar de Deus, do Deus crucificado, dentro desse novo ambiente sociocultural. A questão da linguagem religiosa precisa ser repensada, para que se conecte com a experiência existencial de nossos contemporâneos.

A pergunta é pelo tipo de cristianismo que está morrendo ou que está mudando. Se o Evangelho não é religião, então se impõe a pergunta: até que ponto nos prendemos à roupagem religiosa que nossas Igrejas foram assumindo ao longo da história para realizar a missão de anunciar a boa nova, manter vivo e atuando o patrimônio que recebemos, mas que não nos pertence? Permanece a tarefa de anunciar o Evangelho, porém trazendo-o para a experiência de hoje. Somos a mediação pela qual o Evangelho tem chegado à sociedade.

Voltando à realidade brasileira, quero chamar atenção para as fortes transformações no campo religioso que estão ocorrendo neste momento. Reporto-me a José Eustáquio Diniz Alves, doutor em demografia, e ao artigo de sua autoria intitulado “Católicos versus Evangélicos no Brasil: ‘guerra de posição’ x ‘guerra de movimento’”.

Alves faz uma projeção para o período de 2010 a 2032. Ele afirma: “Existe uma disputa pela hegemonia religiosa no Brasil e haverá um novo quadro religioso no Brasil no século XXI, muito diferente dos 500 anos anteriores. (...) Os católicos brasileiros representavam quase três quartos dos habitantes do país no início do século XXI...” (...) Porém, o Brasil iniciou um processo de transição religiosa no último quartel do século XX e tudo indica que haverá uma troca de hegemonia entre os dois principais grupos religiosos do país na primeira metade do século XXI.” Para afirmar essa projeção, baseia-se em alguns pressupostos:

- continuidade da queda das filiações católicas no ritmo de 1,2% ao ano;
- aumento anual dos evangélicos em 0,8% ao ano;
- aumento das outras religiões em 0,15% ao ano;
- aumento anual das pessoas autodeclaradas sem religião em 0,23%.

Num quadro comparativo, a projeção pode ser visualizada:

	2010	2022	2032
Católicos		49,9%	38,6%
Evangélicos		31,8%	39,8%
Demais religiões	5,2%		8,5%
Sem religião	8%		13,1%

Segundo essa projeção, os evangélicos deverão ultrapassar os católicos nos próximos oito anos. Contribui para isso o fato de estarem mais bem posicionados, em termos de dinâmica demográfica, na população pobre, jovem, feminina. Católicos continuarão sendo o grupo majoritário. Entretanto, muitas pessoas se declaram católicas, mas não têm participação ativa – são não praticantes.

Observa-se que a transição se dá em ritmo acelerado. Utilizando uma terminologia introduzida por Antônio Gramsci (1891-1937), Diniz Alves afirma que católicos permanecem numa “guerra de posição”, enquanto que evangélicos utilizam uma “guerra de movimento”. Na guerra de posição, adota-se a tática de resistência, de defesa de trincheiras construídas ao longo de séculos. Na guerra de movimento, adota-se uma estratégia de ataque frontal para a tomada do poder. Isso fica claro no quadro comparativo que segue:

Estabelecimentos religiosos com CNPJ	1998	2021	% - crescimento
Igreja Católica	8.686	14.294	2,2% ao ano
Igrejas evangélicas tradicionais	8.539	23.077	4,4% ao ano
Assembleia de Deus	4.700	17.329	5,8% ao ano
Igreja Universal do Reino de Deus	1.900	7.185	6% ao ano
Igreja do Evangelho Quadrangular	2.400	4.201	2,5% ao ano
Igrejas evangélicas neopentecostais	8.718	35.779	6,3% ao ano
2021 – 7.284 estabelecimentos de outras religiões e 10.073 estabelecimentos não classificados			

¹ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/636739-catolicos-versus-evangelicos-no-brasil-guerra-de-posicao-x-guerra-de-movimento-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves>. Acesso em: 02.05.2024.

Observando esse quadro, constatamos que não se trata apenas de uma questão de números, mas de avaliação dos lugares onde estão situados esses espaços religiosos. As Igrejas tradicionais têm seus templos posicionados em lugares centrais do bairro e da cidade, próximos a praças, porém geralmente com as portas fechadas nos horários de maior fluxo de pessoas. Já as Igrejas pentecostais estão posicionadas em frente a terminais urbanos, perto do mercado nas vilas, lugares estratégicos de passagem da população urbana. É importante dar-se conta que o embate das religiões citado se desdobra especialmente no contexto urbano. Surge a pergunta se os espaços de nossas Igrejas estão geolocalizados estrategicamente para atender as necessidades dessas populações, especialmente no que diz respeito à mobilidade urbana. É uma pergunta importante quando fazemos planejamentos pastorais.

Importante também é prestar atenção no segmento dos sem religião. Na Europa, 24% da população não são afiliados a nenhuma religião, e 43% dos afiliados não praticam a religião. Na América do Norte, 20% são sem religião – uma entre cada cinco pessoas, sendo que, entre os jovens, um em cada três não tem mais religião. Na América Latina, os sem religião estão concentrados nas metrópoles (6,7%), e o número é maior em populações com alto índice de desenvolvimento humano. No Brasil, o índice dos sem religião em 2010 era 8%, e em 2032 deverá ser 13,1%. Nas pesquisas eleitorais da Datafolha, porém, apurou-se recentemente um número de 14% sem religião, perfazendo 15 milhões de pessoas.

Fenômeno paralelo é o aumento da “religião do eu”. Mesmo eventualmente permanecendo em uma Igreja, há uma busca religiosa individual, marcada por escolhas seletivas pessoais. “Tenho fé, mas não tenho religião” – é uma frase típica.

Assim, diante do apresentado, depreende-se que as Igrejas tradicionais estão perdendo pessoas-membro e, ao mesmo tempo, estão declinando sua influência e relevância na sociedade.

Outro desafio é observar o perfil de quem ainda participa das programações das Igrejas tradicionais. Apesar de haver alguma estabilidade, a participação majoritária é de pessoas idosas, crianças e adolescentes. Problemático é que o grupo que mais cresce entre os sem religião é o dos jovens. Outra pergunta: o que temos de relevante a oferecer a essas pessoas que se entendem como sem religião? Afinal, temos o compromisso do anúncio do Evangelho, que é fermento na massa, importante na configuração de nossa sociedade e dos rumos futuros do povo brasileiro no projeto de Deus.

Termino citando o Papa Francisco, que disse: “é preciso olhar o passado com gratidão e abraçar o presente com paixão”. A paixão vem da compreensão da importância do Evangelho em nossas vidas – e com essa paixão iremos nos lançar com esperança para o futuro. É preciso redescobrir o sentido da Reforma: voltar sempre de novo à originalidade do Evangelho e buscar sua constante atualização.

(Obs.: texto transcrito e resumido a partir do vídeo da palestra da Prof. Cleusa M. Andreatta no Fórum de Missão da IECLB 2024.)

<inserir link/QR para o vídeo da palestra disponível no portal>